

critica

Passeios
e polifonias
por Galicia

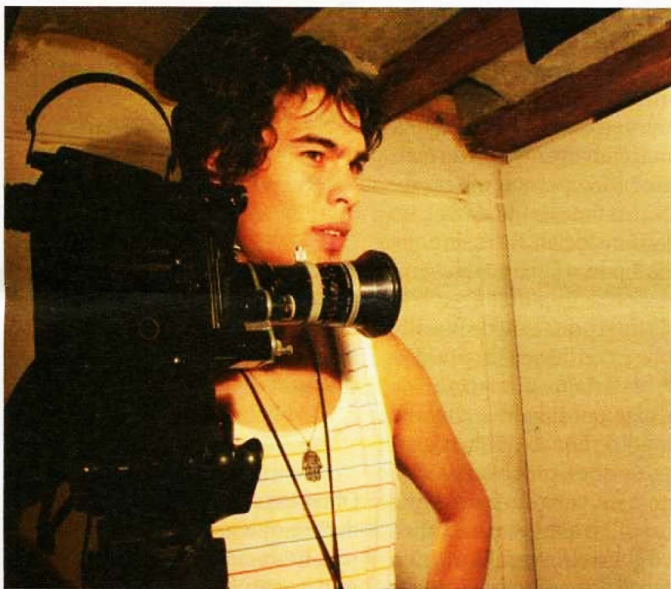
París#1

Dirección: Oliver Laxe.

Proxectou-se na sección Panorama Galiza de 'Cineuropa'. Novembro de 2008, Compostela.

Oliver Laxe nasceu em Paris, cidade à que emigraram seus pais. É esta circunstância a que explica o título da sua película *París#1* (2007), rodada em Amil, Mugia, Os Ancares e Ourense. Esta dicotomia entre a cidade (Paris, destino migratório) e o campo (a Galiza rural, origem migratória) tem a sua contrapartida audiovisual na filmografia de Laxe. Em *Ylas chimeneas decidieron escapar* (Londres, 2006) a urbe e a industrialização imiscuem-se tangencialmente nas tomas rurais: torretas de alta tensão sunlinham a paisagem, altos edifícios asomam tras os lameiros, sinistras gruas trabalham convertendo descampados em entulho. Quando a câmara se adentra na cidade, faino para registrar os reflexos nas fachadas de cristal dos edifícios, aproveitando as formas geométricas arquitectónicas para compor imagens construtivistas e abstractas. Na banda sonora, umha guitarra eléctrica distorsionada remete de igual jeito a umha tecnologia (e estilo musical) de origem urbana. *Suena la trompeta, ahora veo otra cara* (Tánger, 2007) centra-se de igual modo nas paisagens desoladas dos descampados que arroupam as cidades, essa terra de ninguém entre o rural e o urbano, entre o ordenado e o silvestre.

As imagens de *París#1* som essencialmente rurais. A urbe (adorminhada) só aparece na breve seqüência dumha rodagem cinematográfica. Merendas campestres, romarias, po- >>>



Oliver Laxe.

>>> jas e cenas de caça rematam coa carreira dum cam por um bosque queimado, um novo espaço devastado que perde por momentos a sua característica natural para acabar assemelhando-se aos descampados semi-urbanos das duas primeiras películas citadas. A urbe está presente no título da película e no helicóptero contra-incêndios cujo bater de asas dá início à peça.

Apesar de que Laxe chama à sua obra ensaio, o seu espírito é mais poético que ensaístico. *París#1* forma parte dumha trilogia que tem como título genérico "Paseos e polifonias por unha Galicia contemporánea".

Som estes "passeios" líricos e contemplativos, nom narrativos, os que lhe confirmem alento poético às imagens, fazendo-as devedoras do "cinema puro" ou "cine-poemas" das vanguardas europeias dos anos vinte e do cinema lírico dos anos sessenta do século passado. A câmara em mao, o tremor do fotograma, os saltos na imagem, a textura granulosa e os desenhos que som rasgos de estilo, bem conhecidos e explorados na tradição experimental do

cinema, que Laxe utiliza sabiamente, conjugando singeleza com efectividade sugestiva. O branco e negro sujo e granuloso sugire paisagens ancestrais e irreais, como aquelas recolhidas polos pioneiros do cinema. A figura humana, em forma de retrato, insire-se sem fisuras sobre este fundo rural ou semi-urbano.

A banda sonora acode a umha mancheia de sons para criar umha "polifonia" que sugire por si mesma, que cobra vida própria, independente das imagens. Tanto os ruídos como os silêncios estão usados de maneira expressiva: o som do helicóptero, o coitelo cortando o pam, as vozes e conversas que podem estar sincronizadas ou nom, ruídos e palavras que venhem e vam, silêncios que potenciam a carga simbólica da imagem...

O cinema de Laxe, recuperado para o cinema galego graças à política de subvenções, é um sopro de ar fresco no nosso cativo panorama cinematográfico, demasiado ancorado em narracões literárias e pretensons industriais de escasso rendimento artístico. ●

Alberte Pagán

Apesar de
que Laxe
chama à sua
obra ensaio,
o seu espírito
é mais
poético que
ensaístico"